

## Uso de antidepressivos e queixas de libido: Uma visão fenomenológica

## Use of antidepressants and libido complaints: A phenomenological view

Renato Fernandes Lordello

### Resumo

Este trabalho tem o objetivo de iluminar possíveis associações entre o estudo fenomenológico do campo da sexualidade e a psicofarmacologia, partindo da queixa da perda de libido entre os usuários de antidepressivos. Considera-se a Fenomenologia como método que visa a descrição dos fenômenos e, por meio dele, revelar como as categorias apriorísticas da experiência se estruturam para sua aparição. Pela Fenomenologia, é possível compreender de maneira alternativa o uso dos psicofármacos. Para além de considerar que antidepressivos atuam quimicamente na fisiopatologia da depressão, aponta-se como podem alterar as condições fundamentais da estrutura da existência, e suas relações de proporcionalidade. A sexualidade, vista como zona de acesso privilegiado ao ser, permite o vislumbre da existência, mas não se limita a isso, apresentando um conjunto de significações particulares. Neste sentido, para além de efeitos terapêuticos e colaterais, os antidepressivos podem alterar as vivências sexuais de determinada estrutura vivida por seu reproporcionamento.

**Palavras-chave:** Psicofarmacologia. Fenomenologia. Psicopatologia Fenomenológica. Antidepressivos. Sexualidade. Compulsão Sexual.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

## ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.  
2024; vol13(2):8492

Published Online  
08 de outubro de 2024  
<https://doi.org/10.37067/rpfc.v13i2.1194>

Renato Fernandes Lordello

Psiquiatra pelo Instituto de  
Psiquiatria do Hospital das Clínicas  
da FMUSP (IPq-FMUSP). Mestrando  
pela FCMSC-SP.

Membro da Sociedade Brasileira de  
Psicopatologia Fenômeno-  
Estrutural (SBPFE).

Contato:  
[renato.lordello@unifesp.br](mailto:renato.lordello@unifesp.br)

## Uso de antidepressivos e queixas de libido: Uma visão fenomenológica

### Use of antidepressants and libido complaints: A phenomenological view

Renato Fernandes Lordello

#### Abstract

The goal of this work is to shed light on possible associations between the phenomenological study of the field of sexuality and psychopharmacology, based on the complaint of loss of libido among users of antidepressants. Phenomenology is a method that aims to describe the phenomenon and, through it, reveal how the aprioristic categories of experience are structured for their appearance. Through Phenomenology, it is possible to comprehend the use of psychotropic drugs in an alternative way. Beyond considering that antidepressants act chemically in the pathophysiology of depression, it is pointed out how they can alter the fundamental conditions of the structure of existence and its relations of proportionality. Sexuality, seen as an area of privileged access to being, allows the glimpse of existence but is not limited to it, presenting a set of particular meanings. In this sense, in addition to therapeutic and side effects, antidepressants can modify sexual experiences of a certain life-structure through their reportioning.

**Keywords:** Psychopharmacology. Phenomenology. Phenomenological Psychopathology. Antidepressants. Sexuality. Sexual Compulsion.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

#### ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.  
2024; vol13(2):8492

Published Online  
08 de outubro de 2024  
<https://doi.org/10.37067/rpfc.v13i2.1194>

Renato Fernandes Lordello

Psiquiatra pelo Instituto de  
Psiquiatria do Hospital das Clínicas  
da FMUSP (IPq-FMUSP). Mestrando  
pela FCMSC-SP.

Membro da Sociedade Brasileira de  
Psicopatologia Fenômeno-  
Estrutural (SBPFE).

Contato:  
[renato.lordello@unifesp.br](mailto:renato.lordello@unifesp.br)

Diante de respostas insuficientes das Neurociências para questões que envolvem a causa do adoecimento mental e seu tratamento, pela simplificação e frágil base conceitual, a Fenomenologia – a partir da valorização da experiência e da subjetividade humana –, ganha novamente destaque, ao representar uma orientação para estudos dos diagnósticos e de práticas terapêuticas. Este trabalho aborda a queixa de redução da libido, efeito colateral comum entre usuários dos antidepressivos. Esta pesquisa se baseia em um levantamento da literatura, ainda incipiente, explorando o tema a partir da estrutura fenomenológica do ser sexual, de um lado, e os efeitos descritos desta classe de psicofármacos, de outro.

Em primeiro lugar, questionam-se certos conceitos elementares da prática psiquiátrica atual. O ato diagnóstico se fundamenta na aplicação dos critérios operacionais, de forma a concluir sobre qual forma de adoecimento, em particular, determinado paciente apresenta. Este diagnóstico, chamado de “transtorno” no atual paradigma de saúde mental, é considerado bem delimitado e autônomo em relação a outros diagnósticos, e pode ser acessado de maneira independente por qualquer entrevistador – visto que sua realização se dá através de uma aplicação automática de *checklists*. A partir da nomeação desta unidade diagnóstica, é de responsabilidade do clínico conduzir sua terapêutica. Para tal, considera-se a possibilidade de reversão deste transtorno. Nesse sentido, em um diagnóstico como o de depressão, ambiciona-se um efeito antidepressivo do psicofármaco, de forma a dissipar o transtorno através do seu efeito terapêutico. Entretanto, dentro do conjunto de efeitos de uma medicação, há aqueles considerados indesejados pelos pacientes, com a solicitação de que sejam “resolvidos” pelos clínicos – os efeitos colaterais.

Para o aprimoramento do estudo dos antidepressivos, propõe-se, neste trabalho, uma mudança na sequência lógica que leva à prescrição de um psicofármaco. Ao invés de considerá-lo como ferramenta para resolução do adoecimento mental, busca-se entender seu efeito a partir de sua utilização empírica. Os psicofármacos, como substâncias psicoativas capazes de gerar alterações globais na consciência, podem ser estudados a partir dos seus efeitos, sob um sentido unitário, desencadeado pelo seu uso. Em primeiro lugar, os conceitos de efeitos terapêuticos e colaterais tornam-se miscíveis, visto que todos os efeitos se agrupam sobre um mesmo conjunto de significações dada pelo psicofármaco. Em segundo lugar, a noção de reversibilidade ou de cura de um transtorno também pode ser interrogada sob este ponto de vista, considerando a pertinência de um efeito na consciência sob determinado estado de adoecimento – ao invés da resolução do

transtorno. Finalmente, abre-se a possibilidade de nivelamento do estudo dos psicofármacos como o de outras substâncias, dado que todas, como tal, exercem certa ação sobre o psíquico – permitindo, assim, um redimensionamento do próprio conceito de “medicação”.

Propõe-se, a partir desta aproximação alternativa, uma leitura fenomenológica do uso dos psicofármacos. A Fenomenologia apresenta grande potencial de colaboração neste campo, assumindo uma postura que coloca em evidência pressupostos prévios, de maneira a se debruçar sobre o fenômeno tal como ele se mostra. Coloca-se em um primeiro momento as teorias explicativas sobre os mecanismos de ação neurobiológicos dos psicofármacos em suspensão, de maneira a se ater à experiência do uso da substância tal qual é vivida – a partir dos relatos em primeira pessoa dos usuários.

Enquanto filosofia transcendental, a Fenomenologia busca apreender os modos de aparição dos fenômenos, investigando reflexivamente as estruturas compreensivas que permitem aos objetos se mostrarem como são (Zahavi, 2019). A Psicopatologia Fenomenológica, por sua vez, pretende desvelar, a partir do método fenomenológico, as condições de possibilidade da experiência do adoecimento mental, assimilando como se articulam entre si no interior dessa experiência. Para tal, utiliza-se das condições elementares como temporalidade, espacialidade, corporeidade e intersubjetividade, concebendo-se sua organização a partir de um regime de proporcionalidade entre seus elementos – mantidos sob uma estrutura existencial unitária. Esse conceito é de suma importância para se observar o modo como os psicofármacos atuam sobre a consciência.

Peter Hadreas exemplifica como o método fenomenológico pode auxiliar no estudo dos psicofármacos (Hadreas, 2010). O autor parte do conceito husserliano de *self-awareness* como implicação pré-reflexiva do *self* na experiência, o que significa dizer que a consciência do eu, como agente, não se dá através de um ato de reflexão, mas sim *a priori*. A partir disso, analisa como determinados sujeitos apresentam uma resposta “boa” ou “ruim” com o uso do antidepressivo, a depender do amadurecimento de seu *self empírico*. O amadurecimento implica a sedimentação biográfica da experiência ao longo do tempo, de maneira articulada entre diferentes instâncias da vida do sujeito, e organizadas sob um senso de identidade único – o que lhe permite construir e aprofundar suas relações com o mundo (Lordello et Becher, 2022).

Ter uma boa resposta ao uso de antidepressivos depende de um *self* empírico amadurecido, na medida em que, nesses casos, as drogas não mudam “quem são”, mas

sim os capacitam a serem eles mesmos com menos impedimentos” (Hadreas, 2010). De maneira antagônica, os “maus respondedores” apresentam um *self* pouco amadurecido, de maneira a não experienciar sua mudança pré-reflexiva como algo alinhado aos seus interesses – o que combina com uma sensação impactante e conflituosa de mudança profunda do senso de si capaz de levar a angústia, desesperança e tentativas de suicídio.

Hadreas demonstra tal mudança pré-reflexiva das condições de possibilidade da estrutura, bem como os modos pelos quais essa se reflete na experiência direta dos indivíduos que utilizaram a medicação. Outros estudos que se valem do uso de demais substâncias, como álcool ou psicodélicos, também poderiam ser mencionados, visto que abarcam, analogamente, alterações nas referidas condições de possibilidade.

A experiência sexual, como possibilidade existencial humana, também é passível de apreensão fenomenológica. O autor Gabriel Becher busca, a partir de uma leitura merleau-pontyana do ser sexual, explorar as bases de sua fundação.

A compreensão da sexualidade como expressão de um conteúdo regida por uma estrutura geral coloca a sexualidade como fenômeno passível de redução aos aspectos formais da existência. Tal visão é questionada por Merleau-Ponty, que, por sua vez, posiciona a sexualidade como signo privilegiado da existência. Segundo o filósofo, esta é considerada como “modo original da consciência” (Merleau-Ponty, 2018), investida de significação sexual.

Apesar de a experiência sexual possibilitar um vislumbre do ser em sua totalidade, não é possível reduzir uma instância a outra. O ser apresenta uma estrutura sexual particular, que fundamenta sua possibilidade mesma, enquanto a sexualidade, envolta por uma existência indeterminada, é na própria estrutura sexual atualizada e realizada constantemente. Neste sentido, o ato sexual não pode ser atomizado e isolado, como em modelos teóricos biológicos, devido à sua inscrição na história de vida individual, sendo mais bem referido como possibilidade do devir. Dessa forma, não é possível conceber o homem sem sexualidade. Ainda, segundo Gebattel, “a história de um homem está tão intimamente relacionada ao desenvolvimento de sua vida sexual que Kierkegaard poderia afirmar que essa é a condição para uma história de vida individual e que os anjos não a possuem porque não têm sexo” (Gebattel, 1966). Nesse contexto, deve-se analisar quais as condições de possibilidade da existência onde se insere a estrutura do ser sexual.

O corpo é o centro encarnado do ser no mundo, e possibilita a mediação da existência temporalmente, espacialmente e intersubjetivamente. A abertura intersubjetiva

mostra como seu acesso se dá por condições impostas pelo próprio corpo (por exemplo, só se é possível observar o outro através do próprio olhar), revelando com a abordagem ao corpo é necessariamente intercorporal (Messas, 2021). São estas condições imediatas que alicerçam a experiência sexual, observando a abertura erótica ao outro a partir da intersubjetividade sexual – por sua vez, ancorada num corpo que permite sua realização, que é corpo sexual.

Co-estabelecidos de maneira íntima e recíproca, “a sexualidade é coextensiva à vida, ou seja, onde há cinética vital, sempre há sexualidade potencial” (Becher, 2023). A sexualidade, sempre possibilidade de ser, é estabelecida de maneira atmosférica na existência, precipitando-se sob um objeto de desejo e compondo uma relação de figura-fundo – como sua possibilidade ao fundo da consciência e excitação sob um objeto avançando como figura.

Na experiência sexual adoecida, observa-se a desarticulação da estrutura erótica. Nesse sentido, o corpo, que sedia o fluxo das vivências, encontra-se estático temporalmente, o que leva a um encontro atemporal com o outro de maneira inflexível. Há, aqui, apenas resquícios do amor, ou seja, possibilidades marginais dentro das plenas potencialidades humanas, como forma de relação entre seres (Gebattel, 1966). Como consequência, esta ação bloqueia as próprias possibilidades de amadurecimento do ser.

A partir do desvelamento das categorias que possibilitam a vivência sexual – e suas alterações –, deve-se também olhar para as experiências relacionadas às queixas de libido associada ao uso dos antidepressivos. Jay Teal traz uma possibilidade de apreensão do que é vivenciado pelos pacientes que utilizam antidepressivos (Teal, 2009). A partir dos relatos dessas experiências, é possível sintetizar alguns dos temas abordados de maneira recorrente, como a sensação de aumento de desconexão e distanciamento nos domínios emocional, corporal, social e existencial.

A descrição da relação entre o eu e o outro revela uma sensação de distanciamento. A partir dessa distância, o outro se apresenta como anônimo, com pouco reconhecimento. A capacidade de experimentar o outro como alguém importante e o peso das relações foram comprometidos, gerando uma dificuldade para se estar plenamente com o outro. Isso reflete na própria experiência de corpo, que mostra redução de reações emocionais tanto para momentos de maior tensão quanto para dificuldade de se relacionar com as coisas do mundo, traduzido como “falta de energia”. A análise desses relatos permite a observação de como o uso dos antidepressivos permite uma alteração das condições de

possibilidade da experiência, pelo distanciamento intersubjetivo e corporal com o outro e com o mundo.

Alinhado à experiência intersubjetiva e corporal, relatos a respeito da experiência sexual confluem para uma diminuição ou desligamento do domínio sexual. Indivíduos se queixavam de, apesar de conhecerem os estímulos sexuais que previamente os excitavam e os modos como seus corpos respondiam a eles, sentir que, sob o uso da medicação, o corpo não respondia mais da mesma forma – como se a excitação não fosse mais uma possibilidade.

Nessa última observação, é possível notar que, apesar da impossibilidade de excitação sexual, os pacientes sabiam das possibilidades de vivência de seus corpos, traduzidas como uma queixa negativa do uso da medicação. Isso revela uma relação figura-fundo na qual o componente sexual, atmosférico e intrínseco à existência, é mantido, pois “o doente nunca está absolutamente cortado do mundo intersubjetivo” (Merleau-Ponty, 2018), mantendo-se como tema relevante. Em contraste, a excitação como figura, que aparece para a consciência como reação a um estímulo sexual, foi profundamente afetada pelo distanciamento intercorporal.

Nesse sentido, observa-se, num primeiro momento, a sensação de alívio dos sintomas depressivos pelo desencarceramento imediato da existência, mas à custa de um distanciamento do mundo. O efeito do antidepressivo leva a uma forma de ser-no-mundo desconectada e, ao mesmo tempo que traz “alívio” ao sofrimento, também gera sintomas indesejados, ambos submetidos ao mesmo efeito essencial. Para além do “efeito colateral” e “efeito terapêutico”, cabe pensar em como o antidepressivo pode reproporcionar um desequilíbrio prévio dos constituintes da existência, pensando individualmente em cada paciente e em seus respectivos mundos-vividos.

A descrição de um caso clínico de compulsão sexual (Lordello et Becher, 2022) permite a análise das condições de possibilidade de uma existência ancorada predominantemente sob o aspecto intercorporal sexual e seu impacto através do uso do antidepressivo.

A compulsão sexual se traduz por uma contração da existência em um único ponto do corpo (zona erógena), sendo este o meio preferencial para apreensão do mundo. O corpo sexual, assumindo relação predatória com demais figuras corporais, preenche o campo de possibilidades existenciais de maneira inflexível, traduzindo aqui queixas do paciente de perdas constantes de empregos por buscar constantemente relações sexuais.

Intersubjetivamente, nota-se a apreensão do outro também sob via sexual, estabelecendo relações superficiais e sem intimidade – por incapacidade de se relacionar integralmente com o outro –, além da necessidade constante do ato por não conseguir se relacionar de outra forma.

Neste artigo, os autores também analisaram o impacto do uso do antidepressivo pelo indivíduo em questão. De maneira coerente com o estudo anterior, houve aqui também uma redução da excitação sexual. Em contrapartida, notou-se também uma descompressão existencial, ao menos reduzindo a presença tirânica do corpo sexual para a consciência. Isso acarreta uma ampliação de perspectivas, tanto sob novas possibilidades profissionais quanto por possibilidades na relação com o outro, permitindo novas formas de se relacionar – como relações sem a temática sexual ou com a possibilidade de construção de intimidade. Além disso, tornou-se possível a ressignificação da própria atividade sexual, vista como um aprofundamento de vínculo e não necessariamente como algo passageiro e constante. Esse conjunto de mudanças, baseado em uma maior integridade relacional, permite a temporalização da experiência, possibilitando o amadurecimento a partir do movimento dialético da estrutura.

O conhecimento das condições de possibilidade permite o estudo do efeito de uma medicação, como o antidepressivo, a partir da sua possibilidade de reproporção da estrutura da existência, além de conceber seu efeito especificamente em determinada estrutura, ao se considerar um novo balanço existencial a partir das possibilidades de cada psicofármaco.

Através dos argumentos levantados, é possível traçar uma linha compreensiva para se pensar uma aplicação da Fenomenologia na Psicofarmacologia, a partir das relações entre o uso de antidepressivos e a experiência sexual. A Fenomenologia permite um olhar que concilia uma análise pormenorizada da experiência e suas condições transcendentais. Através dessa contribuição, é possível apreender diversas formas de experiência inerentes ao ser-no-mundo, como sua vivência sexual – esta zona ímpar de acesso ao ser e suas possibilidades de adoecimento. De maneira consoante, a partir da valorização da experiência vivida do uso dos psicofármacos, pode-se chegar a uma nova proposta para sua utilização, considerado o manejo das desproporções das condições de possibilidade da experiência.

## Referências Bibliográficas

- Becher, G. E. (2023). A fundação do ser sexual: Uma abordagem fenomenológica. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 12(2), 26–65.
- Gebattel, V E. F. von. (1966). *Antropologia Médica*. Madrid, Espanha: Rialp.
- Hadreas, P. (2010). *Husserlian self-awareness and selective serotonin reuptake inhibitors*. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, 17(1), 43–51.
- Lopes, M. V., & Messas, G. (2023). *Towards a phenomenological approach to psychopharmacology: drug-centered model and epistemic empowerment*. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 1-18.
- Lordello, R. F., & Becher, G. E. (2022). *Compulsão sexual sob perspectiva fenomenológica: um relato de caso*. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 11(2), 60-77.
- Merleau-Ponty M. (2018). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda.
- Messas, G. (2021). *The existential structure of substance misuse*. Switzerland: Springer.
- Teal, J. (2009). *The phenomenology of experience: a study of the lived experience of individuals*. *Journal of Phenomenological Psychology*, 40(1), 19-50.
- Yeomans, D., Moncrieff, J., & Huws, R. (2015). *Drug-centred psychopharmacology: A non-diagnostic framework for drug treatment*. *BJPsych Advances*, 21(4), 229-236. doi:10.1192/apt.bp.114.013094.
- Zahavi, D. (2019). *Fenomenologia para iniciantes*. Rio de Janeiro: Via Verita.